



LEITURA E ESCRITA DE MULHERES NO CÁRCERE

MARIA CRISTINA DA SILVA¹; CARMEM LÚCIA EITERER

1. Doutoranda do programa de Pós-Graduação FAE/UFMG. email: bhcentro991@yahoo.com.br. 2. Integra a Linha de Pesquisa Educação, Cultura e Movimentos Sociais e Ações Coletivas do Programa de Pós-Graduação em Educação: Educação e Inclusão Social FAE-UFMG. Pesquisadora do NEJA. E-mail: eiterer@fae.ufmg.br

2.

**EIXO TEMÁTICO 2: SUJEITOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
IDENTIDADE E DIVERSIDADE**

RESUMO

O presente trabalho é parte de nossa pesquisa de doutorado que buscou compreender processos de escolarização de mulheres que se encontram encarceradas, em uma penitenciária feminina em Minas Gerais/Brasil. Nossa pesquisa, ao aproximar-se deste universo, procurou identificar como estas mulheres vivenciam a leitura e a escrita em salas de aula, as dimensões do aprendizado da leitura e da escrita no contexto da escolarização na visão das detentas, bem como as consequências desse aprendizado do ponto de vista do sujeito, identificando seus usos.

Em nossos estudos sobre mulheres encarceradas deparamo-nos com produções e pesquisas acadêmicas sobre o universo prisional masculino e feminino, em sua grande maioria realizadas nas últimas décadas deste século e final do século XX. O debate sobre a temática prisional, no que tange a áreas do conhecimento, concentra grande parte dos estudos e das pesquisas na Sociologia e no Direito, com interfaces na Educação, na Psicologia e no Serviço Social, com uma predominância de pesquisas sobre presídios masculinos. Outro aspecto relevante é seu recorte para práticas de ressocialização de presos e dentre estas, a escolarização aparece. Detectamos nestas pesquisas uma preocupação recorrente com o aumento da população prisional, a denúncia de maus tratos, superlotação de presídios, inexistência de atividades de trabalho, salas de aula em número suficiente, cursos de formação profissional, assistência à saúde, assistência jurídica, dentre muitos outros serviços preconizados na Lei.7.020/84 (Lei de Execução Penal).

Para melhor compreendermos o mundo feminino no cárcere utilizamos o conceito de *Interseccionalidade*, inicialmente utilizado por Kimberlé Crenshaw¹ na perspectiva do Direito para tratar das discriminações vivenciadas por mulheres negras americanas. Encontramos nele semelhanças para compreender os vários entrecruzamentos percebidos em nossa pesquisa, o que não significa que outros possam existir. Nossa compreensão sobre *interseccionalidade* apoia na mesma direção de Kerner (2012), e aqui

¹ CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique... Universidade de Chicago, 1989.



compreendemos este conceito como uma rede de relações complexas em que a questão de gênero, raça/classe social marcam a trajetória das mulheres no cárcere. As relações são complexas, denotam um poder simbólico atravessado pela violência masculina, com permanências de um processo histórico de violência contra as mulheres. Abordamos também o conceito de *ambivalência* a partir das discussões de Canedo e Fonseca (2012) e Santos (2010) para compreendermos o sentido de duplicidades opostas, ou seja: mais de uma ação do Estado ao mesmo tempo, mas estas convergindo para pontos finais opostos e por vezes de efeitos negativos para a população carcerária e para a sociedade como um todo e visualmente positivas para o Estado, no que tange à afirmação de investimento em políticas públicas e proteção da sociedade e seu patrimônio. *Ambivalência* é, a nosso ver, um conceito que atravessa as políticas públicas ou públicas/privadas voltadas para o cárcere e todos aqueles (as) envolvidos nesta discussão e que atuam no sistema prisional. Para compreendermos toda a complexidade do mundo prisional feminino e em específico o uso da leitura e escrita presentes no contexto estudado e de como as alunas no cárcere se apropriam dele, nos reportamos aos estudos sobre letramento de Soares (2003).

Para que pudessemos atingir nossos objetivos optamos por uma pesquisa de cunho etnográfico e para esse percurso utilizamos da observação participante, caderno de campo e de outros registros disponibilizados pela instituição escolar. Os dados foram coletados no período de maio a dezembro de 2013 e foram organizados, categorizados e interpretados a luz das teorias sobre letramento, gênero, classe/raça, poder. Assumimos a posição de pesquisador participante, no sentido de que participamos mesmo que, parcialmente, de uma vida social no presídio. Convivemos e acompanhamos vários momentos, como festas, atividades culturais e educativas. As notas em cadernos de campo foi o recurso de registro principal. A escolha da Penitenciária foi por ser um presídio somente de mulheres, um dos mais antigos, sua localização e, pela existência de uma escola dentro dele. Nossas observações e foco de nossa pesquisa se concentraram na sala de alfabetização e no espaço escolar como um todo nos momentos “livres” e de atividades coletivas.

Os resultados de nossa pesquisa, ainda preliminares, no que tange às detentas, aponta para um compartilhamento e socialização de textos muito diversos, dentre os quais livros, jornais, panfletos informativos sobre saúde da mulher, cartilhas sobre direitos e deveres dos presos, informações impressas no uniforme das detentas, nos muros internos, crachás de identificação, documentos expedidos por juízes, advogados, assistência social, direção da penitenciária, direção da escola, livros da biblioteca, bilhetes, cartas, desenhos, letras de música, telefone público, rádio de uso individual, televisão, exibição de filmes. Todos eles perpassam o cotidiano das detentas, alguns com restrições de horário e dia para o seu uso, como a televisão nos alojamentos e o telefone público com regras próprias da instituição para seu uso e acesso. Em nossas análises detectamos que essa grande circulação de textos no presídio proporciona mais informações às detentas e poderiam oportunizar uma ampliação do universo cultural delas.

A circulação de textos na penitenciária, em muitos momentos, ocorre pela oralidade, haja vista que a escrita pode se tornar documento e prova, materializando o conteúdo ali expresso em peça e/ou prova contra quem o escreveu. Nessa perspectiva, o uso da escrita entre as detentas ocorre de forma cuidadosa. Esta estratégia denota como as mulheres no



cárcere conhecem os significados de seu uso naquele contexto. A oralidade, diferente da forma escrita, mesmo que vigiada, monitorada, ocorre de forma muito diversa e com menor risco. O espaço e horário das atividades escolares são muito monitorados, cabendo a vigilância tanto para as detentas quanto para os profissionais da escola. As reprimendas podem ocorrer a qualquer uma e a justificativa é imputada ao cuidado e segurança, nem sempre evidenciada.

As atividades coletivas organizadas e realizadas por todos que trabalham na escola e que contam com o apoio de outros profissionais do presídio apontam como sendo as que mais proporcionam momentos de interação entre detentas, professores, equipe pedagógica, agentes de segurança, diretores, funcionários técnicos administrativos. No entanto, também são elas as que se apresentam como sendo de maior tensão, medo para todos, desde sua organização até o momento final. Nossa pesquisa indicou elementos em que no cárcere todas presidiárias, ou não, ficam marcadas pela instituição penal. Mesmo que as marcas deixadas nas trabalhadoras (es) e nas presidiárias sejam distintas, ambas sofrem efeitos da instituição quando em contato com os outros do lado de fora dos muros. Essas marcas evidenciam preconceitos por atuarem na instituição, ou estarem encarceradas e que se entrecruzam com a cor da pele, classe social e escolaridade.

Palavras-chaves: 1Mulheres;2 Presidio;3 Leitura; 4 Escrita.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Lei de Execução Penal**. Brasília, DF: Senado Federal, 1984.
- CANÊDO, Carlos e FONSECA, David (Orgs). *Ambivalência, Contradição e Volatilidade no Sistema Penal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- FOUCAULT, Michel. *Segurança, penalidade, prisão*. Organização e seleção de textos de Manoel de Barros da Motta; trad. Vera Lúcia Avelar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense, 2012. Ditos & escritos VIII.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma*. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 1988, 4ª ed.
- KERNER, Ina. *Tudo é interseccional?* Novos estudos CEBRAP N.93, Jul, 2002.
- MINAYO, M. C. de Souza. *O Desafio do Conhecimento*. Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo-Rio de Janeiro: Ed.Hucitec-Abrasco, 1993. 2ª ed.
- SANTOS, B.de Sousa; MENESES, M. Paula (orgs.) *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.
- SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. _____ . *Alfabetização e letramento*. São Paulo: Editora Contexto, 2003.